

O COMBATE DA CASTIDADE: AUTONOMIA E EXERCÍCIO DA SEXUALIDADE ENTRE HOMENS EVANGÉLICOS COM PRÁTICAS HOMOSSEXUAIS ¹

*Marcelo Natividade*²

Resumo: Este artigo problematiza a elaboração de identidades pessoais em face das complexas constelações culturais contemporâneas. Considerando que existem múltiplos discursos relativos à homossexualidade, reflete-se sobre a produção de identidades sexuais de sujeitos com pertença religiosa. Parte-se do suposto de que processos de construção de si estão imbricados a questões de gênero, inserção social e clivagens como religião e orientação sexual. Primeiramente, reflete-se sobre as possíveis correlações entre percursos afetivo-sexuais e trajetórias religiosas. A partir disso, são analisados discursos sobre a experiência de buscar “cura” na esfera da sexualidade, focalizando narrativas sobre a participação em rituais de libertação e aconselhamentos pastorais. O material etnográfico consiste em entrevistas realizadas entre os anos de 2001 e 2005, entre sujeitos de distintas denominações pentecostais no universo evangélico, residentes em regiões da Baixada Fluminense e Zona Norte do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Religião, Sexualidade, Psicologização, Pentecostalismo e Homossexualidade.

Abstract: The article deals with personal identities elaboration in face of complex contemporary cultural backgrounds. Considering that there are multiple speeches related to homosexuality, thoughts have been made about subjects from religious belonging sexual identities production. It starts from the point that self building processes are related with gender, social insertion issues and cut offs such as religion and sexual orientation. Primarily, it deals with possible

¹ Este artigo está baseado em participação na Mesa Redonda “Do sacrifício ao bem-estar: a psicologização das religiões na América Latina”, coordenada por Bernardo Lewgoy, na VII Reunião de Antropologia do Mercosul, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, em 2007.

² Doutorando em Antropologia, IFCS- UFRJ

correlations between sexual/affective pursuits and religious trajectories. From that, speeches are analyzed about the experience of searching “cure” in sexual sphere, focusing on narratives about participation in releasing rituals and pastoral counseling. The ethnographic material consists in interviews during the years of 2001 and 2005, among subjects from distinct pentecostal denominations, living in Baixada Fluminense and North Zone of Rio de Janeiro.

Keywords: Religion, Homosexuality, Psychology, Pentecostalism.

1

Este artigo apresenta dados etnográficos de uma pesquisa ampla que realizei a partir do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do IFCS/ UFRJ. A investigação analisa as novas relações entre religião e sexualidade, considerando os embates na esfera pública entre religiosos e representantes dos direitos humanos, apontando a existência de um embrionário movimento gay cristão no Brasil e analisando as experiências de construção de si de sujeitos de pertença evangélica em diferentes vertentes.

Estudos atuais apontam transformações ocorridas em contextos religiosos na contemporaneidade, articulando-os à difusão de um ideário individualista e a processos de psicologização em diferentes vertentes (Duarte, 2005; Lewgoy, 2005; Mariz, 1994). As relações entre religião e sociedade são problematizadas a partir de discussões sobre o papel e poder das crenças, o estatuto da categoria religião (Duarte, 2005; Giumbelli, 2002), sobre a pentecostalização do religioso (Mafra, 2002; Velho, 1998). Apontando as complexas relações entre a produção das identidades pessoais e a configuração de cenários culturais contemporâneos, este trabalho focaliza a experiência de sujeitos pertencentes a diferentes denominações evangélicas e aponta as tensões advindas da emergência de novas normatividades, discursos e práticas pastorais.

Antes de iniciar a apresentação dos resultados de pesquisa quero tecer alguns comentários sobre o chão teórico do trabalho, situando-o na interseção entre uma antropologia da sexualidade e uma antropologia da religião.

Considerando que a “preocupação explícita com a relação entre sexualidade e religião é uma das características mais específicas da visão de mundo Ocidental moderna” (Duarte, 2005: 137), compreende-se a oposição religião e sexualidade como constructo social. Apontar as íntimas relações entre religião e sexualidade na contemporaneidade, a emergência de novos fenômenos, sentidos e experiências é o objetivo. O desafio é nos debruçarmos sobre as diferenças mais sutis e as distintas formas de se relacionar com a religião, considerando o quadro traçado pelas pesquisas atuais que observam os grandes movimentos, como o crescimento dos evangélicos e o aumento dos sem religião (Rohden, 2005; Jacob, 2003). Nesse contexto, torna-se particularmente relevante investigar tanto a mobilidade religiosa como os novos sentidos atribuídos à religião em diferentes etapas da vida. Opera-se aqui com uma concepção da experiência religiosa a partir de três distintas dimensões: identidade ou pertencimento; adesão, experiência ou crença; e, em um terceiro plano, o ethos religioso, como disposição ética ou comportamental (Duarte, 2005).

Há certo consenso na literatura antropológica a respeito da um forte aumento das demandas de significação dirigidas à sexualidade (Bozon, 2004: 152): “a sexualidade alcança o posto de discurso sobre a verdade do indivíduo, constituindo um lócus de investimento bastante significativo, exemplificado em desenvolvimentos como o da psicanálise e da sexologia” (Rohden, 2005: 179). A questão pode ser melhor examinada se partirmos de um entendimento do fenômeno em seu aspecto mais evidente: não se trata de uma cultura Ocidental moderna apagando as regras para o exercício da sexualidade e sim da emergência de outras formas de controle; de uma proliferação de discursos em que há um declínio das normas absolutas e a construção de cenários culturais complexos (Bozon, 2004: 152). Seguindo esta pista é possível contextualizar a emergência dos discursos religiosos no interior de dispositivos de gerenciamento da sexualidade que incitam a falar sobre o sexo. É no bojo desse processo de pluralização das normas que as questões da intimidade e sexualidade são colocadas na ordem do dia, culminando na emergência de trabalhos pastorais que buscam oferecer auxílio para demandas relativas à sexualidade. Sessões de libertação, correntes para a família,

terapias de reorientação sexual, espaços de aconselhamentos, o desenvolvimento de uma literatura religiosa voltada para o tema da libertação, incluindo manuais de ajuda para sair da homossexualidade, a emergência de discursos religiosos minoritários que discutem a inclusão de homossexuais aos cultos, assinalam a complexidade e riqueza do fenômeno. Por outro lado, os debates na esfera pública e o enfrentamento entre religiosos e militantes em torno do reconhecimento dos direitos das populações não-heterossexuais colocam um problema adicional, levando a indagar em que medida um costume ou crença pode ser considerado inaceitável, deslocando a discussão do campo da experiência para a dimensão política e recolocando-o no âmbito de um embate entre tolerância e intolerância. Estes conflitos não serão tratados aqui, embora permaneça como um pano de fundo para uma reflexão sobre como indivíduos escolhem, rejeitam, selecionam discursos, migram ou permanecem em determinadas religiões que condenam estilos de vida que abraçam. Recoloco aqui meu problema inicial: a elaboração de identidades pessoais em face das complexas constelações culturais contemporâneas.

Considerando que existem múltiplos discursos relativos à homossexualidade este trabalho reflete sobre a produção de identidades sexuais levando a sério a dimensão religiosa. Compreende-se que processos de construção de si estão imbricados à questões de gênero, inserção social e clivagens como religião e orientação sexual.³ Primeiramente busco as possíveis correlações entre percursos afetivo-sexuais e trajetórias religiosas. Em segundo lugar, analiso discursos relativos a experiência de buscar ajuda na igreja para obter cura ou libertação da homossexualidade, colocando em foco narrativas sobre a participação em rituais e aconselhamentos.

³ Considera-se que indivíduos assumem determinadas posições de sujeito, motivados por compromissos emocionais e interesses (satisfações individuais e sociais). É por meio de intersubjetividade que sujeitos adotam certas fantasias de identidade: auto-representações e auto-avaliações do eu estão ligados a idéias sobre “que tipo de pessoa se gostaria de ser e que tipo de pessoa se gostaria que os outros acreditassem que se é” (Moore, 2000: 38). É com base nesta expectativa que se representam determinados papéis, estando tais fantasias ligadas a idéias de poder e agência.

O material etnográfico consiste em entrevistas realizadas entre os anos de 2001 e 2005, entre sujeitos de distintas matrizes religiosas no universo evangélico, utilizando-se a técnica de recrutamento de sujeitos denominada “bola de neve” - procedimento através do qual um informante privilegiado permite o acesso a pequenas *networks* e ou outros entrevistados.⁴ Assim, fui desfiando uma pequena rede de homens que se relacionam sexualmente com outros homens no contexto de diferentes congregações evangélicas. A intermediação entre investigador e sujeitos de pesquisa por meio de indivíduos de suas redes de sociabilidades sexuais consistiu em uma ‘vantagem’ metodológica que permitiu o acesso a relatos de uma população quase invisível socialmente. Uma vez que a norma religiosa se constitui pelo exercício da heterossexualidade, o recrutamento de indivíduos com experiências homoafetivas (problematizadas ou não em termos identitários) mostrou-se particularmente difícil por meio da inserção em comunidades religiosas. Muitas vezes, o assunto é tratado na esfera privada entre pastor, fiel e outros agentes. Em outras, prevalece um certo silêncio. Assim, através de contatos pré-estabelecidos, fui apresentado a amigos de amigos, e assim sucessivamente fui localizando informantes. Caso paradigmático é o de Maurício, homossexual, 25 anos, que me apresentou três ‘ex-namorados’ evangélicos, que conheceu transitando por regiões morais como “salas de bate-papo” gays e locais de sociabilidade estritamente sexual como cinemas pornográficos. Os depoimentos foram coletados nesse contexto, alguns carregados de um teor confessional que antecipava os dilemas tratados: a situação de entrevista foi interpretada como “possibilidade de tratar um assunto tabu na sociedade ou igreja”, “uma espécie de terapia” ou simplesmente um relato com motivação proselitista, que podia ajudar outras pessoas que viviam o mesmo problema.

As entrevistas, baseadas na técnica *história de vida*, buscaram resgatar eventos e interpretações relativas à trajetória religiosa e ao percurso afetivo-

⁴Todos os entrevistados aqui citados tem seu anonimato protegido por meio da atribuição de nomes fictícios.

sexual. De um total de 14, serão analisados seis relatos, justamente de indivíduos do sexo masculino que reportam a um período da vida de “luta na esfera da sexualidade”, encenando um alto grau de adesão religiosa. Incorporo ainda na análise a entrevista de um informante que, apesar de afastado da igreja há poucos meses, participou de rituais de libertação na sexualidade.

Espero lançar um foco de luz sobre as nuances e ‘passagens’ dessa experiência, a partir de diferentes apropriações de discursos e práticas religiosas, considerando as complexas relações entre a produção das identidades pessoais e a configuração de cenários culturais contemporâneos. Dos entrevistados aqui enfocados quatro são da Assembléia de Deus, dois da Igreja Universal e um de uma comunidade Batista renovada. As idades variam entre 20 e 40 anos. Três deles tem passagem por religião católica, dois por espiritismo e um nunca pertenceu à outra religião. O grau de escolaridade está entre quarta série primária e superior incompleto e as profissões são auxiliar de escritório (dois), um funcionário público de nível médio e três estavam desempregados. Os locais de moradia situam-se na Baixada Fluminense ou Zona Norte, respectivamente periferia e subúrbios do Rio de Janeiro.⁵ Dois informantes residem com a avó e outros parentes, um com os pais, um com a mãe e o outro está morando sozinho recentemente. Alguns ocupam cargos de liderança na igreja, ligados ao Ministério de música e outras atividades.

2

“Nascer no meio evangélico”, “ter uma introdução à Palavra” foram expressões usadas referindo-se a socialização em ambiente religioso desde a infância ou juventude. Da mesma forma, é descrita a migração religiosa: a família de Sandro era envolvida com espiritismo e se converteu. Henrique foi criado numa família católica praticante, mas teve contato com a Assem-

⁵ Os informantes residem nos bairros São Cristóvão, Madureira e Parada de Lucas (Zona Norte), Nova Iguaçu (Baixada Fluminense) e Seropédica, município do Estado do Rio de Janeiro.

bléia de Deus a partir da conversão da irmã. Apesar disso, todos interpretam a atual vinculação religiosa como uma decisão individual de “aceitar a Jesus” ou “entregar a vida a Deus”. O momento de adesão ao credo evangélico é situado como uma *escolha*.

Henrique (40 anos, Assembléia de Deus) freqüentava a Igreja Católica, fez parte de grupo jovem, crisma, mas “desviou”. Durante um período de sua trajetória “começou a liberar os desejos” e freqüentar boates homossexuais. Hoje acredita que está tendo uma “nova chance” de direcionar sua vida para o caminho da ‘normalidade’. Passou a freqüentar “sem compromisso”, a reunião dos novos convertidos na Assembléia de Deus, onde a irmã congregava. Ele descreveu a ocasião em que decidiu aceitar a Jesus a partir de um “apelo”⁶ feito na igreja pelo pastor. A adesão à denominação evangélica é descrita como possibilitando seguir um novo rumo, dando força para lutar contra sentimentos profundos relativos aos desejos homossexuais. Um sinal de sua vitória é o reencontro com uma antiga namorada e o recente casamento – uma forma de seguir os planos e propósitos de Deus, já que nunca se permitiu “liberar esses desejos” por causa do lado religioso:

A gente sabe, pela própria Bíblia, que é uma coisa que vem em desagrado a Deus. São várias passagens que falam. E por mim mesmo... (...) não sei se é porque eu fui criado também dentro da Igreja e a Igreja Católica também não admite esse tipo de comportamento (...) acredito que nenhuma Igreja que se diz cristã venha a concordar com um comportamento desse. E eu, por mim mesmo, eu não era satisfeito com isso. Embora pudesse me trazer prazer, mas não era algo que me trazia paz, como têm muitas pessoas que são felizes.

Adriano (32 anos, Assembléia de Deus) comentou sobre sua aproximação de uma igreja evangélica, motivada pela insatisfação com o ethos

⁶ Categoria nativa que circunscreve o convite pastoral à conversão religiosa. O apelo tem um sentido nativo de chamado religioso vivenciado a partir da fala de um pastor ou outro membro da hierarquia religiosa para aceitar a Jesus.

católico – religião que praticou, mas critica por causa de sua permissividade. O primeiro contato com uma denominação evangélica ocorreu a partir de um convite de sua prima, da Igreja Universal do Reino de Deus. Vivenciava uma crise, questionando-se a respeito de sua identidade sexual. Passou um tempo na Universal “conhecendo a Jesus”. Na Assembléia de Deus fez o estudo dos novos convertidos para ter conhecimento da Palavra, participou de escola dominical e cultos bíblicos. Viveu ali um “primeiro amor com Jesus”, experiência que permitiu “enterrar” coisas velhas. Nessa época estava “viciado em pornografia” e estranhos desejos apareciam sob a forma de pesadelos em que fazia sexo com outros homens. O pedido para Deus guardar seus sonhos foi atendido e aos poucos foi conseguindo vencer. Afinal, afirma ele, uma igreja evangélica permite mudanças e os pensamentos obsessivos com relações homossexuais diminuíram com o tempo. Apesar disso, estava vivendo um momento de renovação espiritual, pois uma nova luta estava iniciando-se. Recaídas vivenciadas representavam que o mal estava espreitando. Era preciso renovar o compromisso com Deus.

Do ponto de vista de um certo aprendizado da sexualidade os relatos são variados. Henrique e Adriano referem ter tido a primeira experiência homossexual ainda na infância, com parente mais velho, interpretando-a hoje como um abuso sofrido, vivência que, a despeito do prazer envolvido, teriam originado uma certa perversão de sua sexualidade. Glauber, aos 13 anos teve contatos homossexuais com um colega de escola e aos dezesseis começou a “fazer programa” na Cinelândia, levado por um amigo. Paulo, entre 11 e 14 anos manteve um “caso” com o primo mais velho e, posteriormente, com um tio. Sandro percebeu-se portador de um desejo ‘diferente’ a partir de brincadeiras vivenciadas com meninos de sua rua. Em situações de masturbação coletiva percebia que os desejos de seus colegas eram heterossexuais e os seus eram homossexuais. Quando começou a trabalhar resolveu assumir-se, pois passou a ter facilidade para conhecer outros rapazes, inclusive marcando encontros pela Internet. Sérgio descobriu a “pegação”, levado por um colega a uma praia freqüentada por homossexuais”:

O Fulano se envolveu com homossexualismo. Ele era da igreja. (...) Ele me levou numa praia que tem a área que os gays freqüentam. Ele me levou

pra conhecer, pra ver. E eu acho que nessa época foi quando eu já tava começando a me envolver com eles. Hoje eu sei mais ou menos o que é, que se chama pegação. Eu sou muito curioso, sabe? Aí a gente chegou lá e ele me mostrou, apontando: olha só ali. Ele me chamava pra ir a boates e falava: olha só o relógio que eu ganhei. Olha a roupa que eu ganhei. Falava. Mas isso nunca me interessou. Aí eu conheci um rapaz na praia muito legal. (...) Ele tava sentado na praia, nas pedras. Saímos. Fomos fazer caminhada. Tinha um lugar deserto. A gente parou e daí teve uns momentos de carícia. O relacionamento que eu tive com ele foi mais ou menos assim. Carícia mesmo. Beijo na boca não tinha porque eu não queria. A gente tirava a roupa toda e namorava e depois masturbava um ao outro. Depois eu conheci outra pessoa.

As experiências com o sexo oposto são relativamente esparsas, de uma forma relatadas como “namoros” com garotas na comunidade religiosa. Essas experiências podem envolver “Namoro forte, sem sexo”, porque “as meninas evangélicas levam a sério a religiosidade e o desejo de casar virgem”. Um informante declarou não gostar ou sentir desejo por mulher. Episódio marcante é descrito por Glauber, cuja única “relação” com uma mulher ocorreu através de uma ocasião em que pagou “dez reais” a uma garota de programa para ter relação: “matar sua curiosidade”, “ver como era uma mulher” - experiência que considera, “não foi muito legal”. Adriano teve várias namoradas mas “ficava só na amizade”. Henrique tinha medo de “não conseguir” mas, aos 36 anos “viu que podia se relacionar sexualmente com uma mulher” ao ter a primeira transa com a namorada, hoje sua esposa.

A rejeição consciente de uma auto classificação como “homossexual contrasta com a percepção de uma preferência, passível de reparo divino, um querer mais forte, desejo profundamente arraigado. Conforme esse discurso seria possível deixar a prática homossexual, mas o desejo permanece sob a forma de provações e tentações, de um pendor da carne ou de situações, ciladas, armadilhas colocadas pelo demônio. Enquanto Paulo identifica-se como um heterossexual buscando a solução para a homossexualidade, Sérgio comentou não conseguir definir se era gay ou não. É certo que uma luta espiritual ocorre contra esse “desvio de comportamento involuntário”, algo

que não escolheu. Uma compulsão, uma doença, uma coisa que não é natural, uma prática abominada por Deus, uma proibição bíblica, um comportamento que pode estar ligado a ausência paterna, a criação no meio de mulheres, à influência espiritual e maldições, são algumas das justificações baseadas em valores religiosos.

A percepção de que uma força espiritual leva aos desejos homossexuais é descrita por Glauber. Uma legião de demônios atuava até que, numa igreja, recebeu um toque do Espírito Santo e começou a questionar-se sobre o tempo que perdia “nessa vida”. Hoje avalia que “conheceu o mundo” antes de “aceitar a Jesus” e afirma que a pessoa pode experimentar um “novo gosto”. A luta na esfera da sexualidade envolveu sua libertação, através de jejuns, oração e leitura diária da Bíblia:

Na libertação você tira o que sufoca o coração porque você tem que ter uma vida calma, um psicológico bom. Então, a libertação é nessa área da ansiedade, do nervosismo. Eu experimentei uma libertação muito grande no meu corpo, dessa prática. (Glauber, Assembléia de Deus).

Glauber argumentou que passou a levar uma vida mais controlada na área da sexualidade. Atualmente uma nova guerra se iniciou, pois nem sempre tem orado. Um “bombardeio espiritual” procuraria afastá-lo da igreja, pois o diabo não quer que ele ouça a Palavra. Estava precisando “colocar a boca no pó”, ajoelhar, deitar o rosto no chão e orar. Após a entrevista, com o gravador desligado, contou-me que havia feito um programa na noite anterior em troca de um tênis, quando passava pelo Largo da Carioca, no Centro da Cidade, seguindo dali para um hotel com um senhor. Disse que atualmente não estava tendo bom relacionamento com a família e enfrentava dificuldades. Atualmente vivia da venda de adesivos religiosos em uma estação de trem. Tinha que se virar. Não queria ter permitido que ocorresse aquilo, mas nem sempre via solução. Acabou no motel com o parceiro, bem mais velho do que ele.

A adesão religiosa não comporta apenas essa dimensão individual, podendo ocorrer ainda o aconselhamento com o pastor ou outros agentes

religiosos. Uma situação narrada por Sérgio após o relacionamento com uma namorada ter “esfriado”, aponta algumas das dimensões desse cuidado pastoral. Espontaneamente Sérgio procurou o pastor que lhe fez várias perguntas para saber “se ele era gay ou não”, concluindo que não havia evidência sobre sua homossexualidade:

Ele perguntou o que eu sentia quando eu via um homem, quando eu pego num homem, seguro na mão de um homem. (...) E eu expliquei a ele. Eu falei a ele o que acontece. (...) Falei pra ele que eu tenho uma coisa comigo, desde assim, mais novo, mais adolescente, eu gosto de ver um corpo masculino. Eu acho muito bonito um corpo masculino bem feito, aqueles homens musculosos, essas coisas assim. Um corpo bem legal. É isso que me chama a curiosidade, porque eu não sou assim. É o que eu gostaria de ser. Eu até digo pra você, eu tenho muita vontade de chegar e pegar num músculo daqueles homens musculoso assim, pegar num peito assim. Eu tenho muita curiosidade disso. Eu quero saber como é que é, eu quero sentir como é que é. Entendeu? Foi isso que eu falei pra ele. Eu vejo isso, se eu vejo um homem bonito, eu digo é bonito mesmo, se eu vejo que tem um corpo bonito, tem o corpo bonito. Ele falou: pelo o que você me conta, eu não vejo que você seja gay. Você não é gay. Ele me perguntou se eu vejo uma mulher bonita o que eu sinto. Eu gosto de ver mulher bonita, essas coisas todas. Daí que ele falou, você não é gay, você tem algumas coisas que precisa ser trabalhada, tem que trabalhar com você em algumas áreas. Mas você não é. (...) Eu comecei a fazer até um encontro com ele. Tinha toda quarta-feira, mas depois veio o carnaval, ele entrou de férias em abril, essas coisas todas e aí acabou depois de não ter mais tempo. (...) No início era uma hora só. Não era muito tempo não. (...) Ele ia escrevendo no papel, ele ia lá e anotava. Quando você era criança como é que era isso, o teu relacionamento, como é que foi na escola, o relacionamento com parente, tio, primo. Tudo isso ele perguntava. (...) O relacionamento com minha mãe, com meu pai, o que as pessoas achavam de mim. Eu falei pra ele que o que me machucava muito era que as pessoas, alguns colegas duvidavam, da minha personalidade pelo meu jeito de ser, meu jeito de ser sensível, de gesticular muito. Apontavam muito: - Ah, ele é gay, olha o jeito que ele fala. (...) E eu me sentia mal quando apontavam desse jeito. Até eu me

tornei uma pessoa tímida por isso. (...) Aí ele começou a falar que certas coisas tavam acontecendo comigo era por que eu já tava com problemas na minha cabeça. Achando que já era tal coisa, que eu já era gay mesmo. Aí ele falava: -Você já tá vendo isso em você, você já tá aceitando que você é gay e que você tem que procurar alguém pra você do mesmo sexo porque é o que as pessoas dizem.

A situação narrada aponta para uma terapêutica religiosa que se apropria da noção de confissão. O aconselhamento implica na exortação ao exame de si enquanto técnica de produção da verdade. A confissão dos sentimentos, das emoções e experiências vivenciadas na sexualidade implica, contudo, um diagnóstico. O pastor conclui que “ele não é gay”. As sessões realizadas são motivadas por essa função pedagógica de colocar em evidência uma suposta gênese do comportamento desviante da norma religiosa.

Com efeito, a revelação dessa ‘condição’ no ambiente religioso nem sempre ocorre. Contudo, pode apresentar-se sob a forma do testemunho, um pecado que se confessa e reporta a vida anterior do fiel. Os testemunhos enfatizam a transformação, na qual o passado infeliz contrasta com a felicidade alcançada pela *entrega a Jesus*. É o caráter exemplar do passado que é posto em evidência para enfatizar a ‘verdade religiosa’. Como narrativa, ele consiste em uma história que contém um ensinamento moral, um apelo, uma sugestão prática, uma espécie de conselho (Natividade e Gomes, 2006). O testemunho de sua condição de liberto da homossexualidade foi uma forma de Adriano compartilhar a ‘transformação porque passava’. Da mesma forma, Sandro subiu ao púlpito da denominação que frequenta para atestar sua fé e demonstrar publicamente como o “Deus do impossível” pode qualquer milagre, inclusive resgatar uma pessoa do homossexualismo.

Na igreja, apesar de nem sempre revelar fatos e informações sobre sua vida sexual, o sujeito pode ser passível de conselhos, admoestações, indicações de comportamento calcados na avaliação que outros fazem de sua performance de gênero.

A conversa a seguir deu-se quando nosso informante retornava de carro de um culto, acompanhado de um casal de amigos. O tema da sexualidade aparece sob a forma de uma crítica feita pelo amigo a sua “timidez” com as mulheres:

Você precisa ser mais malicioso. Eu falei: Malicioso? Ele: É, você tem que ter mais malícia nas coisas, você precisa ter malícia. Você tem que pegar umas mulheres e falar assim: oh, mulher gostosa. (...) E a mulher dele: quer parar com isso (fulano). E ele: É isso mesmo, mulher gostosa, eu adoro a bunda da minha mulher. E ela: Meus Deus, que vergonha. E eu adoro outras coisas dela também. É muita gostosa a minha mulher. E ele falava: É isso que mulher gosta, Sérgio. Aí eu: Ta bom, Marcos, eu vou ser mais malicioso. E ele: É isso que você precisa. Então, eu tinha um ótimo relacionamento com o pessoal da Igreja. (Sergio, AD).

O papel de conquistador, não desempenhado, aparece como um indicativo de que algo deveria ser corrigido em seu comportamento. Não se trata aqui da cura divina, mas da representação de um papel socialmente imputado ao indivíduo do sexo masculino. Em outras ocasiões, amigos da igreja o incentivavam a “pegar uma garota” porque ela ‘gostava dele’.

Não é possível deixar de mencionar a existência de uma outra personagem nesse enredo: a namorada. Figura a quem se pode recorrer na tentativa de obter ajuda para sair da homossexualidade. A confissão do problema redundou na decisão de Silvana em ajudar Sérgio a “sair dessa”. A motivação é religiosa, consistindo em parte da prova a que podem ser submetidos os sujeitos na luta espiritual. Após o fim do relacionamento com um tenente do exército casado e a decepção amorosa, Sérgio entrou em luta novamente contra suas inclinações pessoais e ‘botou propósito’ de ‘querer namorar’, retornando a um antigo namoro e confessando essa parte de sua vida. Silvana já ouvira fofocas sobre a possibilidade dele ser gay, mas decidiu que isso não iria impedir que namorassem, afinal, ela estava ali pra isso, para ajudá-lo a sair dessa. Os dois choraram e decidiram ficar juntos. Até que nova crise sucedesse e Sérgio decidisse romper e vir para o Rio de Janeiro, em busca de trabalho, deixando sua família e igreja em Recife. A ajuda feminina para sair da homossexualidade também foi citada por Henrique, que confiou seu segredo a namorada, recém convertida. Tudo se procedeu de maneira rápida, incluindo o casamento. Henrique reconhece uma situação de guerra espiritual quando um “ex-caso” quis ir ao seu casamento. Ameaçou “fazer escândalo”, mas, felizmente, não apareceu. Vai levando sua vida, da melhor maneira que pode, evitando certas

coisas. Mas reconhece que não pode “dar bobeira”, porque as coisas voltam a acontecer.

Apesar desse investimento no autocontrole, as recaídas podem ocorrer, como contou Adriano, a partir de uma situação vivenciada recentemente. Ele estava sendo vítima de cantadas de um rapaz no trabalho. A amizade dos dois abalou-se porque Adriano ‘não estava aberto’. Um dia o amigo confessou o interesse. Ele decidira repudiar essa “cantada de homem”. Estava pronto pra dizer: “O que é isso, cara? Tá me estranhando?” Decidiram conversar:

Ficou tarde e ele foi pra minha casa. Eu nunca gostei de muita brincadeira, e ele fazia algumas coisas pra me irritar. Ah, eu nunca gostei de papinho de bichinha, essas coisas. Ele sabia disso. Eu tinha um copo de maionese com uns bichinhos e ele começou a dizer que parecia coisa de bichinha. Aquilo começou a me irritar. Irritou tanto que eu estava com uma garrafa na mão e eu dei um banho de água gelada nele. E ele: porra, cara? Como é que eu vou embora agora? Eu disse: você faz o seguinte: eu seco a sua roupa no ferro. Aí ele tirou a camisa e eu sequei. Ele tirou a calça e eu sequei. E quando eu estava secando a calça dele, e ele estava só de cueca ele veio por trás de mim e me abraçou. Aí eu empurrei ele, calma, calma. E nesse calma, calma começou. Eu só sei que eu tremia mais que vara verde. Tremia, tremia, “que isso, cara? Tu tá doido? Não, se afasta de mim! E nesse não, não, não... entendeu? (risos). Eu não fiz nada. Ele na verdade é que fez. Ele baixou a minha cueca e fez lá sexo oral em mim e acabou dormindo lá em casa, deitado no chão. Mas não aconteceu nada além disso. E depois desse dia, aconteceu uma segunda vez”.

Não ter forças para resistir a investida do rapaz é avaliado por Adriano como indicativo de que necessita de renovação espiritual, apesar de não ter tido “culpa da situação”. A opção pela heterossexualidade parece ser motivada pelo respeito a família, e pelo medo do julgamento de Deus ao estar incorrendo num comportamento pecaminoso. Seguir os planos de Deus é garantia de salvação e felicidade, enquanto viver a homossexualidade é estar sujeito a discriminações e a uma vida de sofrimento.

Afirma-se que a família não aceita, tem muito preconceito, é conservadora. Paulo contou que seria um choque para os pais a revelação de seu

passado. Atualmente, observa que as coisas estão se equilibrando, pois eles estão se relacionando melhor desde sua conversão. Adriano sempre teve muita vergonha da família descobrir, e não sabe qual seria a reação. Lembra muito bem de comentários familiares: “veado tem que morrer, Deus livre meus filhos disso”. Até hoje lida com as cobranças de casamento porque ouve sempre que “homem que não casa é veado”. Um agravante atualmente é sua idade, já que passou dos trinta anos. O respeito à família é suscitado como motivação para esconder essa parte de sua vida. Por outro lado, a dificuldade de encontrar um parceiro sincero e fiel, os relacionamentos desfeitos e as decepções amorosas, são vistos como decepções com uma vida “de ilusões e promiscuidade” – vazio que contrasta com a sensação de acolhimento e perdão por Deus.

3

A libertação do homossexualismo é referida como “aprender a conviver com isso”, “sufocar” ou “afogar” os desejos, curar-se “da prática”. A luta na esfera da sexualidade envolve o uso de algumas estratégias e, sobretudo, a vontade do indivíduo em resistir às prováveis tentações que serão postas em seu caminho. Adriano comentou que quando se busca trilhar o caminho do Senhor, aí sim ocorrem as investidas de Satanás. Por isso, todo cuidado com o tipo de pensamentos que se cultiva é pouco, consistindo numa luta espiritual enfrentada cotidianamente. É preciso saber “desviar dos maus caminhos” e resistir diante de uma grave provação. Uma situação limite foi vivida por Paulo, que após o compromisso com Deus e a igreja recebeu uma proposta de um rapaz que desejara muito anteriormente. Definindo o ex-pretendente como um homem com quem “formaria uma casa”, “casaria”, teria um “relacionamento sério”, surpreendeu-se quando foi cantado por ele. O demônio colocava diante de seus olhos um “prato principal”. Do nada, o rapaz queria ter com ele um relacionamento mais profundo. A situação só podia ser batalha espiritual, o que muitas vezes ocorria quando se buscava seguir a obra de Deus.

O combate da castidade implica o engajamento em atividades promotoras de ascese e purificação. Trata-se de um contínuo expurgar de uma alteridade percebida como abjeta, reconhecida fora do sujeito, mas ameaçando continuamente irromper dentro dele. O desejo é implantado por forças espirituais. É preciso examinar bem os sentimentos e pensamentos e analisar a origem (divina ou demoníaca deste). A principal destas atividades é a oração, mas ela não é a única.

Henrique não vai mais a boates, nem a cinemas pornográficos e outros “inferninhos” que freqüentava. Durante o dia, quando está no trabalho, procura sempre ocupar os pensamentos ouvindo CD Gospel ou mesmo manter-se em oração. Adriano comenta que evita ir à casa de amigos gays porque isso pode alimentar a mente com coisas que Deus abomina. Também não vai mais ao Centro Cultural Banco do Brasil, muito freqüentado por gays, nem as “festas de urso” que gostava antigamente. Sergio procura sempre fundamentação bíblica, por isso, atualmente entrou num novo estudo sobre “como seguir os mandamentos cristãos”. Paulo acredita que o Espírito Santo alerta sobre os perigos, fazendo desviar dos maus caminhos. A luta adquire aqui os contornos da renúncia sexual. Vigilância constante e o exame dos pensamentos fazem parte dessa batalha:

Você passa e vê um homem bonito e eu não vou ser hipócrita de dizer que eu não me sinto, vamos dizer, seduzido. Mas essas coisas você tem que aprender a conviver com isso. É bonito, sim? Mas não é pra mim. Às vezes até dá vontade de parar e olhar pra trás. Mas eu sigo o meu caminho. Porque se eu der entrada, uma coisa vai puxando a outra e daqui a pouco você está nas mesmas atividades (Henrique, AD).

A opção pela contenção, na busca de regeneração pessoal e constância moral podem encontrar seu substrato em experiências místicas vivenciadas na igreja. Faço aqui uma breve digressão a respeito de concepções cosmológicas e discursos religiosos relativos às idéias de restauração sexual e libertação na sexualidade. Um corpo em pecado é receptáculo de legiões de demônios, tem brechas abertas por onde circulam espíritos, migrando de um corpo a outro. A idéia mais perfeita que ouvi de um informante a esse respeito foi

aquela que definiu os demônios como “sexualmente transmissíveis”, capazes de entrar numa pessoa por meio dos fluídos corporais.

Assim, os homens se comunicam com seres espirituais através de substâncias, firmando alianças no contato sexual. Quantos parceiros sexuais uma pessoa tem, tantas são as alianças entre ela e legiões demoníacas que atuavam em sua vida. A literatura religiosa traz explicações sobre os impactos de uma prática sexual “reprovada por Deus”. Um pecado cometido dá “legalidade” ao demônio para agir na vida de uma pessoa, gerando brechas. É por meio da libertação, que inclui a confissão dos pecados, que será possível localizar o fato que originou a ação maligna. Na confissão ritual, as ações, amarrações, artimanhas do “inimigo” serão quebradas e neutralizadas.

A cura dos pecados sexuais é analisada pela escritora evangélica Neuza Itioka em alguns de seus manuais de libertação. A autora oferece uma lista das proibições ligadas à sexualidade que deve orientar o comportamento dos cristãos, considerando que o sexo é uma dimensão da vida atacada por “forças espirituais”. O texto “Os deuses da Umbanda” é um de seus escritos mais populares e é nele que ela orienta sobre as formas de libertação das “aberrações” na área do sexo. A homossexualidade aparece incluída em uma ampla lista de outros pecados sexuais: o lesbianismo, a prostituição, o adultério, o sexo antes do casamento (fornicação), a masturbação, a pornografia, a pedofilia e as fantasias sexuais. Todos estes “pecados” estariam ligados a situações de “endemoniamento”. Por exemplo, homens podem adquirir “trejeitos afeminados” por meio de “influência espiritual”:

Um dos espíritos mais populares é a Pomba Gira, espírito de adultério e prostituição. Este espírito impulsiona a mulher a se prostituir e o homem a se atrair por homens e começar a adquirir trejeitos afeminados quando no seu estado normal, e a comportar-se como mulher no seu estado de transe. (...) Ele impulsiona os comportamentos fora do normal: o homossexualismo, o lesbianismo, a bestialidade, etc. A pessoa terá que ser curada interiormente, nesta área problemática, e padrões antigos terão que ser quebrados pelo poder do Espírito Santo. (Itioka, 1993: 184).

A sexualidade é reconhecida como uma dimensão de guerra espiritual. As causas dos desvios sexuais são ligadas a problemas espirituais, pecados

familiares, rejeições, abusos emocionais, violências sofridas, necessitando todos os viciados sexuais de cura interior e libertação.⁷

A situação descrita poderá ser melhor compreendida evocando o contexto em que pode ocorrer uma libertação na área da sexualidade. O exemplo se dará através de episódios etnográficos descritos por informantes. No primeiro deles, a incorporação ocorreu em um ritual que Sandro participou:

Foi numa libertação, onde estávamos. (...). Ele se manifestou em mim. E começou a falar. Quem veio foi um espírito de pomba-gira, mas eu não sei qual delas, porque são várias. Tem uma hierarquia, assim como existe a hierarquia de Deus, anjos, querubins, arcanjos, tem esses mesmos anjos que viraram demônios porque foram expulsos. Existem os principados, que é um governo, um demônio chefe. O que a gente chama de “bucha”, é o nível mais baixo deles... (...) Aí ela começou a debochar, começou a rir. Aí fizeram a libertação desse espírito. Eles amarraram, mandaram ajoelhar, mandaram o demônio ajoelhar. Nisso, ele ficava indo e vindo pra que eu

⁷ Apesar disso, é interessante examinar que o prazer sexual é valorizado no contexto do casamento cristão. Não se trata de uma associação obrigatória entre reprodução e sexualidade, mas de formulações cosmológicas que consideram a centralidade e a manutenção da família. No livro “501 pensamentos do Bispo Macedo” problematiza-se o prazer sexual. Os itens que abordam o assunto são respectivamente *Família* e *Vida conjugal do homem de Deus*. O argumento central sustenta a tese de que “a base do casamento está na cama” (Macedo, ano : 56) e “é praticamente impossível que a família vá bem, se o casal não tem uma vida sexual normal”. Isso ocorreria porque “O homem de Deus tem que ter seu leito imaculado, mas sempre em atividade, para não cair na cama do diabo”. O prazer sexual é uma espécie de “termômetro que mede a espiritualidade do homem de Deus”. O pastor assembleiano Silas Malafaia, no livro “Vencendo as tentações”, adverte que “não foi o diabo quem inventou o sexo” e que “Deus deu ao homem o desejo e a libido”. Homem e mulher devem satisfazer seus “apetites sexuais”, importando analisar a natureza (demoníaca ou divina) do prazer sexual. Como problemas que “afetam o relacionamento sexual”, a ejaculação precoce e a impotência devem ser evitadas e quando ocorrem podem ser passíveis de tratamento, sob pena de destruírem a união firmada por Deus. Cuidados pastorais na área da sexualidade encontram subsídios nas idéias aqui mencionadas a respeito dos pecados sexuais. Com efeito, a dimensão da corporalidade aparece em alguns relatos, importando em dimensões de purificação ritual.

pudesse estar ouvindo tudo que estava acontecendo. E dizia que tinha vindo na minha vida pra poder me destruir, entre outras coisas que eu não me lembro exatamente. Aí eu lembro depois que foi feita a libertação eu fiquei com o corpo leve. Eu me senti muito diferente. Você sente que saiu realmente uma coisa de você. Quando você retira isso, você tem que encher com a glória de Deus. Deus te enche com a glória dele, você sente aquele alívio. Mas ali eu só tinha tido a libertação da vidência. Eu sou muito detalhista, guardo as datas... E no dia 13 de março foi o processo de libertação da homossexualidade. Porque desde que eu me converti, eu falei pra Deus, falei, “Deus, embora eu não esteja liberto ainda, eu não quero mais isso pra minha vida”. Porque se você não determinar isso pra sua vida, não adianta, porque Deus só vai fazer isso se você permitir, se você quiser. Eu falei, “Deus, mesmo que eu ainda não esteja liberto, eu não quero mais isso pra minha vida”. Eu não vou ter mais esse tipo de atitude, eu não vou mais andar onde eu andava. Embora às vezes você sinta um pouco de saudade das pessoas, dos amigos, não do tipo de vida que você teve.

Deste relato depreende-se uma gramática da libertação: *manifestação* do demônio, confissão do pecado e expulsão do mal. Com efeito, nem todos os processos relatados envolveram a cena descrita, na qual se performa a presentificação do maligno (encarnado na pomba-gira) e sua conseqüente expulsão. O informante sentiu alívio e teve a *impressão* de que “saiu algo”. Depois de uma luta que se travou pela *posse* de seu próprio corpo (o demônio *entrava* e *saía* enquanto o pastor *ministrava*), o *mal* foi *amarrado* e fortemente *retirado*. Ali mesmo foi *liberto* de *maldições* e começou o processo de libertação da homossexualidade. Os sentimentos homossexuais ocorriam desde sua infância, o que tributa a um espírito que rondava a sua vida porque foi batizado na Umbanda. O processo de libertação da homossexualidade envolveu muita oração, jejum e a participação em um retiro espiritual onde recebeu o “tratamento do Espírito Santo” e cura espiritual. Na ocasião, foi feito um altar de sacrifício, uma enorme fogueira onde fiéis se despojaram de pertences, objetos e intenções, com vistas a obter libertação. Para deixar os hábitos e a vida homossexual, queimou cds de musica dance e internacional, todos os dvds do cantores Sandy e Junior, cantores que

idolatrava; roupas que considera afeminadas e com as quais se vestia para freqüentar ambientes gays. Ali, acredita que de fato começou o processo da libertação da homossexualidade (que não terminou ainda).⁸ O Espírito Santo, depois dessa ocasião, vem trabalhando seu emocional, diluindo as mágoas e rejeições familiares. Está até mesmo 'restaurando' sua relação com a família.

O segundo episódio é o processo de libertação a que se submete um outro informante. Giovani, aos 27 anos, vivia uma séria crise no casamento com a esposa, mulher religiosa, mostrando-se dividido entre as experiências com pessoas do mesmo sexo e a manutenção do vínculo heterossexual. Temendo a possibilidade de atualmente estar sendo vítima de uma *armadilha do demônio* visto que desejava fortemente "viver a homossexualidade", declarou-se não *liberto*, apesar dos inúmeros rituais pelos quais passara. Acompanhamos o relato acerca de sua libertação, que envolveu uma ministração sobre a sexualidade em um ritual do qual participou ele, um psicólogo cristão e o pastor de sua denominação, um ministro de libertação:

Giovani: Eu fiz a libertação. Fiz três vezes.

Entrevistador: Três vezes?

Giovani: Fiz três vezes. Não tomei jeito. Quer dizer... tomei um pouquinho. Fiquei menos safado. É assim, interessante, porque eles vão ministrando outras áreas, na verdade ministra todas as áreas da sua vida, ministra... todas as áreas mesmo. Aí chega na área da sexualidade, entendeu? Na área da sexualidade eu respondi um questionário, antes da libertação. Ninguém vai pra libertação sem responder um questionário. Porque se ministra com um questionário, você ministra com aquilo que você sabe. Acontece de a gente descobrir mais coisas na libertação, mas a gente tem uma ficha de sete, oito páginas, que a pessoa responde, preenche, escreve.

⁸ Diante de provações Sandro obtém proteção espiritual através de oração. Nessas ocasiões, ocorre uma experiência sobrenatural que descreveu como "Cortina de fogo". Em momentos de luta espiritual anjos acampar ao redor e literalmente "tocam" e "queimam" o mal que espreita. Ele contou receber ainda orientação espiritual de um casal na igreja e está buscando um "relacionamento com uma mulher" e "independência financeira".

Entrevistador: É o que tava acontecendo na tua vida quando você foi fazer a primeira libertação?

Giovani: Eu queria me firmar na igreja, mas o que me incomodava era uma atração muito forte por homens. Eu era casado, e eu queria me livrar disso. Foi quando eu conheci o pastor Fulano. Que é o homem da Baixada Fluminense que trabalhava com isso.

Entrevistador: Conta da tua libertação...

Giovani: Foi na quarta-feira bem cedinho. Eu, Doutora S., que é uma psicóloga que trabalha com libertação também... Porque na verdade, pra você fazer libertação, você tem que confessar os seus pecados. Você confessa os seus pecados, você confessa as relações todas que você teve. Eu tive que dar uma lista de nome de homem, uma lista de homem que eu tinha transado... pra eu estar quebrando: “eu renuncio toda relação que eu tive com fulano e cicrano e beltrano. E vai falando os nomes. Porque na palavra de Deus, todos os pecados têm que ser confessados. Pergunta de relação sexual anal, pergunta tudo. A quantidade de relações sexuais anais que você teve, como é que foi o envolvimento, se não teve. Tudo isso pergunta. Isso é ministrado na hora e você renuncia a tudo isso. E na verdade eu não lembrei, eu não conseguia. Aí eles acreditam que ficam portas abertas pro desejo homossexual. O pastor F. diz pra mim que ficam brechas, que eu não vou me libertar.

Entrevistador: Então você não conseguia se lembrar... me conta isso... O que acontece?

Giovani: Nada. Ministra: “renuncio, repreendo”. Porque na verdade, eu não me manifesto. Quem manifesta sai pomba-gira, recebe tudo. Recebe, vomita, passa mal. Comigo foi muito simples. Eu senti arrepios, mas manifestar, nada disso. Gente que recebe, fica a pomba-gira lá, que fala: “eu botei ele assim”, “Fui eu que botei ele assim, mulher”. Comigo não. O que o pastor F. diz que comigo é difícil porque eu não tenho essas manifestações. Não se fala, não se diz, não dá pra saber qual é a raiz da porra do negócio.

Os dados etnográficos mostram que não confessar os nomes das pessoas com quem teve contatos homossexuais, não conseguir se lembrar ou

evocar todas as cenas sexuais que vivenciou, impede que se localize a raiz do problema. O cuidado pastoral descrito preconiza o relatório exaustivo de suas aventuras sexuais. O inventário solicitado pelo pastor neste ritual, realizado num âmbito privado (somente participam o confidente e os ministradores) sinaliza para uma técnica de libertação que visa implantar uma ética sexual, incentivando o *exame de si* e a reconstrução do passado. O impulso homossexual pode emergir sob a forma de tentações e provações, mas é preciso uma verdadeira *guerra espiritual* pelo controle e posse de si. O ideal da transformação do sujeito em um templo do Espírito Santo busca reforçar essa dimensão ética. Afinal, um templo é sagrado e deve ser resguardado.

A cena descrita mostra como o ideal de *restauração sexual* busca construir um sujeito reflexivo, ao enfatizar a cura das memórias, procedimentos de procura interior e valorização do “eu”, articulando elementos da tradição religiosa e certos modos de subjetivação modernos (Semán, 2000, p. 219). Cabe enfatizar a entrada, neste campo, de certos atores sociais, como psicólogos, psicanalistas, médicos cristãos, que conjugam identidade religiosa e profissional, criando novas modalidades e competências rituais, como a figura do “ministro de libertação”.

Fenômenos de *cura milagrosa*, em um sentido genérico, reportam à necessidade de ordenar, submeter o indivíduo divergente ou sem fé às regras vigentes entre os crentes. O ideal de cura enfatiza a necessidade de adequação do indivíduo às normas e às prescrições religiosas, visto que os infortúnios, de uma forma geral, remetem ao apartamento de Deus e à submissão aos prazeres carnavais. Fenômenos de cura espiritual devem ser inseridos no contexto de “atos ritualizados, que expressam a relação dos homens com o mundo por eles sobrenaturalizado ou com os poderes que atribuem às divindades” (Neves, 1984, p. 5). Partindo dessa visão, o que seria passível de cura estaria situado em um conjunto muito amplo de fenômenos, incluindo aí as divergências sexuais. Tudo o que diz respeito à ordem idealizada na perspectiva doutrinária são signos da condição de escolhido de Deus e protegido pelo Espírito Santo, por outro lado, o pecado é associado ao castigo, à degeneração humana. A análise da socióloga Cecília Mariz (1994) sobre a recuperação do alcoolismo entre os pentecostais de camadas populares no Rio de Janeiro traz elementos para reflexão. Para ela, o processo de construção de uma iden-

tidade religiosa inclui certos modos de interiorização, que buscam incentivar a reflexividade na tensão entre liberdade e determinação:⁹ “o conceito de liberdade pentecostal assim se reporta a uma submissão a Deus, ou seja, a sua regra e a seu plano” (1994, p. 207). No sentido pentecostal, ser livre não significa seguir os impulsos e desejos individuais, mas, ao contrário, viver a Palavra, segundo a ética e as determinações de Deus. Trata-se de uma visão de mundo que articula magia – posto que é encantada – e ética, caracterizando uma forma de construção da pessoa que é, ao mesmo tempo, paradoxalmente individualista e holista: valoriza a transformação individual e incentiva a dependência de Deus e da comunidade religiosa. Nesse sentido, cura, libertação e regeneração pessoal aparecem como categorias intimamente vinculadas.

4

Do ponto de vista das experiências vividas, a situação é paradoxal. Se as estratégias para evitar as tentações e provações dizem respeito ao controle do pensamento, há um reconhecimento dos limites da cura e libertação. Com efeito, a cura definitiva não é descartada, constituindo um projeto. O fracasso da libertação derradeira do desejo homossexual é interpretado como um fracasso provisório, já que ela poderá ocorrer quando Deus quiser.

O sentimento paradoxal de que esta é uma dimensão da vida cujo reparo divino não alcança, pode levar ao questionamento, se de fato, este comportamento pode ser considerado um pecado. Na tensão entre identificar-se ou não como homossexual, esses sujeitos constituem sua experiência. Em outra ocasião, chamei atenção para relatos de indivíduos que se consideravam tensamente vinculados a crenças pentecostais em razão de sua preferência sexual. O dilema entre ser homossexual e ser evangélico era equacionado a partir de distintas soluções e estratégias, sobretudo referentes à gestão de si

⁹ As expressões *cura*, *libertação* e *recuperação* aparecem com certa recorrência no universo religioso, com sentidos correlatos. No presente artigo, contudo, esboço apenas alguns aspectos específicos, na busca de uma compreensão do fenômeno da cura da homossexualidade.

pelo cultivo do segredo (Natividade e Gomes, 2006). Aqui, retomo algumas das idéias, para abarcar um conjunto mais amplo de experiências, considerando que uma seqüência de ajustes pessoais é realizada pelos sujeitos em processos de constituição de si.

Michel Pollack (1990) argumenta que indivíduos cujos sentimentos são socialmente reprováveis tendem a realizar um complexo processo de construção de si que envolve a gestão de uma identidade indizível. Processos sociais em curso insuflaram uma “liberalização dos costumes” e novas alternativas às sexualidades marginalizadas. Uma crescente aceitação social, a criação de novas oportunidades e nichos sociais possibilitaram mudanças nas trajetórias individuais e coletivas. Apesar disso, em muitos contextos prevalecem sutis formas de exclusão. É preciso considerar as origens do indivíduo, vínculos de classe, clivagens geracionais, trajetórias familiares, aspectos regionais, subculturas.

Como indivíduos potencialmente desacreditáveis – muitas vezes portadores de uma desvantagem – homossexuais comumente iniciam uma construção consciente de si em torno dos desejos que originam sua diferença. Trata-se de um processo de diferenciação social em que a composição de um círculo de amigos permite romper o isolamento social, criando uma “segregação livremente escolhida”.¹⁰ Nas últimas décadas, a politização da sexualidade inaugura novas formas de vivência das identidades sexuais, fazendo proliferar um discurso sobre o respeito às diferenças. Amplia-se, assim, a visibilidade e reconhecimento das minorias sexuais. O exercício de uma sexualidade livre das pressões sociais torna-se, sobretudo, uma questão de direitos humanos. Na esfera pública, questões sobre a liberdade de orientação sexual engendram lutas políticas e respostas religiosas.¹¹

Apesar desse cenário global, os indivíduos não compartilham dos mesmos valores e experiências, muitas vezes envolvidos em complexas formas de gestão de si. No caso aqui apresentado, o homossexual evangélico, autodefinido como um “heterossexual em luta contra a homossexualidade”, busca as origens de sua ‘diferença’ (localizada em um sentimento plantado pelo maligno) para neutralizá-las por meio de um exame de si que envolve processos mágicos de expulsão dos diabos, a reconstrução de sua história e a atribuição de

novos sentidos. O modelo do “ex-homossexual” presente na literatura e discursos públicos motiva para a luta espiritual. Apesar disso, pergunto: os efeitos inesperados desse cuidado pastoral que incita a falar sobre o sexo consistiriam em reforço de uma diferença como identidade indizível? Não se pode perder de vista que essa “acolhida” pastoral se dá com vistas a transformar e regenerar uma desvantagem social.

A convivência com mapas culturais contraditórios enseja dilemas, originando períodos de afastamento e aproximação dos discursos religiosos. Momentos de crise originam novas tentativas de regeneração. Não é sem razão que alguns informantes afirmam que decepções amorosas sinalizavam para seu ‘destino’ de indivíduo ‘escolhido’ e para as ciladas e armadilhas do “enganador”. O uso de conceito cunhado por Berger, aponta para como a biografia de um sujeito não prescinde do princípio da contradição: alternância é a possibilidade de infinitas conversões e reconversões na vida de um sujeito e também da conciliação de sistemas de significado contraditório.

Para finalizar, gostaria de considerar que é preciso estar atento às passagens realizadas pelos indivíduos entre as experiências anteriores e as atuais, um percurso de adaptações entre o novo e o velho. Seguindo essa pista, a experiência não é fixa e instável, dependendo de novos sentidos e vivências. Espero ter lançado, assim, um foco de luz sobre as experiências desses sujeitos, cuja luta na esfera da sexualidade aponta para tensões entre normas sociais e a construção das identidades pessoais.

¹⁰ Dados etnográficos sobre processos de construção de si entre homossexuais são trabalhados por Carmem Dora Guimarães (2005) no livro *O homossexual visto por entendidos*, a partir da análise de trajetórias de homossexuais masculinos que encontram nas redes de sociabilidade homossexuais o sentido positivo de si: na descoberta de outros semelhantes ocorre uma ruptura com a condição de estigmatizado que será parte de um processo constante de atualização de identidade (Guimarães, 2005: 56).

¹¹ Um exemplo é a politização do religioso e o surgimento de grupos progressistas que discutem a inclusão-exclusão dos homossexuais dos cultos. Denominações evangélicas como a Igreja da Comunidade Metropolitana (Rio de Janeiro e São Paulo), a Comunidade Nova Esperança (São Paulo e Natal), a Igreja Acalanto (São Paulo), a Igreja Contemporânea (Rio de Janeiro), constituem um movimento de “igrejas inclusivas” lideradas por pastores homossexuais que reinterpretam os dogmas e proibições do universo hegemônico.

REFERÊNCIAS

- BIRMAN, Patrícia. Cultos de possessão e pentecostalismo no Brasil: passagens. In: *Religião e Sociedade*, v. 17, n. 1-2. Rio de Janeiro: ISER, 1996.
- BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2004.
- DUARTE, Luis Fernando Dias. Ethos privado e justificação religiosa. Negociações da reprodução na sociedade brasileira. In: DUARTE *et al.* *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005
- FOUCAULT, Michel. *O combate da castidade. Ditos e escritos*. Rio de Janeiro: Fornoense, 2004.
- GIUMBELLI, Emerson. *O fim da religião: dilemas de liberdade religiosa no Brasil e na França*. São Paulo: Attar Editorial, 2002.
- GUIMARÃES, Carmem Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- ITIOKA, Neuza. *Os deuses da umbanda: o baixo espiritismo, implicações teológicas*. São Paulo, ABU, 1993.
- LEWGOY, Bernardo. Estilos de vida e modelos de construção da pessoa na recente literatura evangélica. Comunicação apresentada na XXIX Encontro da ANPOCS. Caxambu: Anpocs, 2005.
- MACEDO, Edir. *501 pensamentos do Bispo Macedo*. Rio de Janeiro: Universal, 1986.
- MAFRA, Clara. (2002), *Na posse da palavra: religião, conversão e liberdade pessoal em dois contextos nacionais*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- MALAFIA, Silas. *Vencendo as tentações*. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2003.
- MARIZ, Cecília Loreto. A Teologia da Batalha Espiritual: uma revisão da bibliografia. In: *Revista Brasileira de Informação em Ciências Sociais*. Rio de

Janeiro: BIB, 1999.

MARIZ, Cecília Loreto. “Libertação e ética: uma análise do discurso de pentecostais que se recuperaram do alcoolismo”, in A. Antoniazzi *et al.* (orgs.), *Nem anjos, nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*, Petrópolis, Vozes, 1994.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 61, v. 21. São Paulo: Edusc, 2006.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares & GOMES, Edlaine. Para além da família e religião: segredo e exercício da sexualidade. *Religião e Sociedade*, n. 2, v. 26, 2006.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. “Carreiras homossexuais no contexto do pentecostalismo: dilemas e soluções”. *Religião & Sociedade*, 23 (1): 132-152, 1993.

NEVES, Delma Pessanha. *As curas milagrosas e a idealização da ordem social*. Niterói, UFF, 1984.

POLLACK, Michel. A gestão de uma identidade indizível. Os homossexuais e a Aids: sociologia de uma epidemia. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

SEMÁN, Pablo. *A Fragmentação do Cosmos: um estudo sobre as sensibilidades de fiéis pentecostais e católicos de um bairro da Grande Buenos Aires*. Tese de Doutorado, UFRGS, mimeo, 2000

STEIL, Carlos. Os demônios geracionais. A herança dos antepassados na determinação das escolhas e trajetórias pessoais. In: Duarte, Luiz Fernando (org.). “Família e Religião”. São Paulo: Contrapaca, 2005.

VELHO, Otávio. Globalização: Antropologia e religião. In: *Globalização e religião*. Petrópolis, Vozes, 1997.

